REFLEXÕES DE UM INDÍGENA WAPICHANA SOBRE O FILME EX-PAJÉ

REFLECTIONS BY A WAPICHANA INDIGENOUS ABOUT THE FILM EX-PAJÉ

Eriki Aleixo de Melo [1]

Resumo: Este breve texto é uma reflexão acerca do filme Ex-Pajé, dirigido e escrito por Luiz Bolognesi. O filme trata da relação do contato entre os Paiter Suruí com as frentes madeireiras, agronegócios e mais especificamente com as frentes evangélicas, que passam a demonizar as práticas milenares dos pajés indígenas. Nesse sentido, trago como reflexão, as vivências dos Wapichana na comunidade Serra do Truarú (Terra Indígena Serra da Moça, Etnorregião Murupú, Boa Vista-RR), como exemplo de resistência às evangelizações impostas aos povos indígenas.
Palavras-chave: Demonização; Evangelização; Serra do Truarú; Wapichana.

Abstract: This brief text is a reflection on the film Ex-Pajé, directed and written by Luiz Bolognesi. The film deals with the relationship between the Paiter Suruí and the logging fronts, agribusiness and more specifically with the evangelical fronts, which start to demonize the ancient practices of the indigenous shamans. In this sense, I bring as a reflection, the experiences of the Wapichana in the Serra do Truarú community (Terra Indígena Serra da Moça, Murupú Ethnoregion, Boa Vista-RR), as an example of resistance to the evangelizations imposed on indigenous peoples.
Keywords: Demonization; Evangelization; Serra do Truarú; Wapichana.

Quando íamos à igreja católica de São Francisco de Assis, na comunidade indígena Serra do Truarú[2], todos nós, Wapichana, tínhamos uma vestimenta parecida: vestíamos camisas brancas, calças compridas e sapatos ou sandálias. As crianças iam menos arrumadas que seus pais, já que se preocupavam apenas em brincar no centro comunitário, subir nas árvores, enquanto seus pais rezavam a missa de domingo. A igrejinha era feita de adobe de barro cru, também pintada da cor branca e coberta de palha de buriti. Ficava no centro da comunidade, junto com a escola, o posto de saúde, e outras instituições importantes.

Uma das minhas mais fortes lembranças deste período eram das pessoas que iam a estas missas nas manhãs ensolaradas. A maioria eram mulheres: mães carregando seus

[1] Indígena Wapichana, morador da comunidade Serra do Truarú, em Boa Vista – Roraima. Graduado em História pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestre e Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), Brasil.
[2] A comunidade Serra do Truarú está localizada a 60 km da capital do estado de Roraima, Boa Vista, na etnorregião Murupú, Terra Indígena Serra da Moça. É habitada por indígenas Macuxi e Wapichana, que tem parte de seu território reconhecido juridicamente como *tradicionalmente ocupada* desde 1991, de acordo com o artigo 231 da Constituição Federal Brasileira (1988). Desde então, a comunidade Serra do Truarú, juntamente com as demais que compõem a TI Serra da Moça - Morcego e Serra da Moça - lutam para que seus territórios sejam ampliados.

curumins nas *tipoias*[3]. As meninas que tinham acabado de virar moças com seus vestidos floridos ou brancos. Os homens também participavam, eram os pais de famílias mais velhos, algumas lideranças (*Tuxauas* – líder da comunidade), capatazes, vaqueiros. Os jovens, tanto as moças quanto os rapazes, formavam o grupo de animação: eram os catequistas que conduziam as missas e todos seus rituais, desde o sinal da cruz no início da missa até a palavra de despedida, quando desejávamos que Deus acompanhasse a todos.

Uma figura se destacava entre os fiéis católicos que iam participar deste ritual religioso. Todos os domingos, estava assiduamente presente meu tio Erasmo Ângelo, primo da minha bisavó Cecília Ângelo, o único rezador ainda vivo da comunidade. Ia sempre vestido com camisas sociais de cores claras, calça social, sandálias havaianas e um chapéu grande de palha, semelhante ao dos fazendeiros, que tirava apenas para fazer o sinal da cruz ou para fazer suas preces. Costumava sentar nas últimas cadeiras da igreja, como se, de certa forma, de longe, estivesse observando o que os catequistas estavam fazendo. Era um olhar contemplativo, ao mesmo tempo parecia julgar e criticar o que estava acontecendo.

Lembro ainda que nos momentos de reflexões das passagens bíblicas, momento este no qual as pessoas faziam suas preces, falavam de suas dificuldades cotidianas, das enfermidades, tio Erasmo, ao contrário de todos, que rezavam e falavam na língua portuguesa, insistia em falar *na língua* em que ele proferia suas rezas e benzimentos. Ele falava sobre as bênçãos, sobre a vida na maloca.

Costumava contar também sobre seus benzimentos e sobre os momentos em que consultava os *Xerimbabus*., os seres que cuidam dos humanos no plano espiritual, e ajudam no adivinho de doenças, flechadas dos chefes/donos dos bichos[4], a recuperar as sombras dos desavisados.

Os *Xerimbabus* também intermediam o contato entre o mundo material e o mundo espiritual, entre o rezador e *Tumikare* (Deus), pois como contava tio Erasmo, não era ele quem curava, mas sim *Tumikare*. Era Ele, *Tumikare*, que mandava preparar os banhos, dizia quais plantas deveriam ser usadas para os chás, quantos dias de jejum o enfermo deveria fazer, quantos banhos o azarento deveria tomar e em quais dias da semana.

Tio Erasmo, enquanto rezador Wapichana, hierarquicamente, está abaixo da categoria de *Marynau* (*Pajé*), e isso limitava suas funções, ou seja, seus poderes espirituais não chegaram a ser completos por não ter uma preparação maior com outros *Marynau*. Tais curadores foram desaparecendo ao longo dos anos de contato com diversas frentes da dita "civilização" dos *Karaiwa* (homem branco).

Hoje, se alguém de fora chegar perguntando onde está o pajé dos Wapichana da Serra do Truarú, a resposta é a mesma que deram ao cineasta Luiz Bolognese quando

[3] As tipoias são como são chamados os tecidos de algodão utilizados pelos indígenas para carregar seus filhos.

[4] Consulte-se para um aprofundamento da referida categoria a seguinte publicação: FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 392-366, 2008.

perguntou onde estava o pajé dos indígenas da aldeia Paiter Suruí, no ano de 2015: "Não temos pajé...O que temos é um Ex-Pajé", ou pior "o que temos aqui na Serra do Truarú são pastores!".

Foram essas lembranças que me vieram à mente no momento em que assisti o Ex-Pajé, filme este que na minha perspectiva, conta a história de resistência e agenciamento dos Paiter Suruí frente à corrida desenfreada por "almas" por parte das igrejas evangélicas nas aldeias indígenas desse povo, que se espalham nas comunidades indígenas como se fossem epidemias.

Mostra a história do contato, que como se sabe, sempre foi marcada por uma extrema violência física e simbólica e pela matança cultural, algo muito comum quando se tem a ideia de sua superioridade, de que o outro é sempre o não civilizado, passando então a demonizar os ritos, os benzimentos, os instrumentos de reza, e todo o conhecimento e a filosofia indígena de milênios.

É assim que Perpera Suruí, um "ex-pajé", que antes do contato, gozava de prestígio, reconhecimento, era responsável não só pela vida espiritual de sua aldeia, mas também social, passa a ser deixado de lado e como ele mesmo diz: as pessoas "viraram as costas para mim". Tudo isso porque o pastor evangélico disse que pajé era coisa do Diabo. Perpera, então, passa a viver com medos dos espíritos da floresta.

A princípio, o filme retrata o etnocídio que os povos indígenas sofreram, mostra o assassinato de suas culturas, de suas crenças, de suas cosmologias. Representa, sobretudo, a morte do Ser Indígena: do ser Wapichana, do Ser Paiter Suruí, do Ser WaiWai, do Ser Guarani-Kaiowá.

No entanto, o que também percebemos é a forma de resistir a todo este processo de colonização, bem como, ao meu ver, mostra de forma muito emblemática, como é ser indígena na contemporaneidade: pessoas que falam a língua portuguesa e a língua indígena, o uso das redes sociais para fins de comunicação e divulgação de sua realidade e até denúncias de desmatamento, o uso de meios de transportes como caminhonetes, motocicletas, entre outros exemplos retratados ao longo da história.

Quando falo que o filme, embora retrate o genocídio dos povos indígenas, mostra a resistência, é uma história de como nós indígenas nos reinventamos ao longo dos anos de contato, violência, colonização. O que quero dizer é que todos os exemplos acima citados, como preferir fazer a reflexão cristã na língua indígena, tal como tio Erasmo fazia, ou até o olhar contemplativo e preocupado de Perpera no filme, no momento que acontecem os cultos na porta da igreja são forma de não se submeter a este sistema e continuar acreditando nos espíritos da floresta. Até mesmo as aldeias que sofreram a colonização de forma mais impactante, hoje, buscam formas de se afirmar, de reinventar sua identidade nos mais diversos contextos.

É claro que não podemos deixar de refletir sobre como a evangelização dos povos indígenas tem impactado suas vidas, de forma que quando os colonizadores passam a transformar o amor ao próximo, a liberdade, a solidariedade, o perdão, para colocar no lugar a partilha do ódio, as

intolerâncias, violência, doenças psicossociais, e outros demônios que assombram os fiéis de suas igrejas, quem sofre com tudo isso são os povos indígenas. Um exemplo que posso citar é que na época em que estava na Escola Indígena José Aleixo Angelo, no ensino fundamental, cantar e dançar o *parichara*[5], beber o *caxiri*[6] nos *ajuris*[7] era uma grande alegria, porque estávamos recuperando nossas tradições, nossos costumes. Acontece que, nos últimos dez anos, houve uma infestação de igrejas evangélicas na comunidade Serra do Truarú: formada por cerca de 250 pessoas, são sete igrejas disputando suas almas, e isso tem afetado de forma perversa suas vidas, principalmente as dos mais jovens, que não querem mais dançar e cantar o *parichara*, porque o pastor também disse que era coisa do Diabo, como fez com Perpera.

Essas práticas de demonização da cultura e espiritualidade indígena acontecem nesses diferentes níveis, na educação, na política, na saúde. Contudo, uma cena que chama atenção no filme, além das que mencionei: os pequenos detalhes, como o de olhar para a floresta em vez do pastor e sua pregação, foi quando uma pessoa foi picada por uma serpente, e logo a agência do "ex-pajé" foi acionada, com seus benzimentos e instrumentos de cura, demostrando que Perpera nunca deixou de ser um Pajé, sempre esteve ali presente, resistindo com sua sabedoria milenar, sua língua, seus cantos, seus sonhos.

É por isso que temos que tomar como exemplos esta luta que dura mais de cinco séculos, uma luta de resistência. Já vimos exemplos na história de como povos inteiros foram massacrados por conta de ideias absurdas de civilização, de intolerância, e o filme *Ex-Pajé* vem nos alertar para isso, que continuamos vivenciando este desrespeito da cultura indígena, de suas crenças, de seus territórios. Não podemos negar que houve um momento em que também tiveram pessoas engajadas na luta por direitos, e até parte das igrejas, como a ala progressista da igreja católica, contribuíram com essas conquistas. Mas não podemos fechar os olhos para outras partes de outras igrejas que continuam demonizando os povos indígenas, repercutindo numa série de problemas, desde doenças até a despolitização de suas lutas.

Para finalizar esta reflexão, a história de Perpera é de fundamental importância no contexto de intolerância religiosa, de gênero, social, que vivenciamos nos dias atuais. Não só aldeias indígenas, mas terreiros de umbandas, quilombos, LGBTQI+, negros e negras, movimentos sociais, são cotidianamente alvos de violência física e simbólica de fundamentalistas, que são incapazes de buscar compreender e respeitar a vivência dos outros. Mostrar a resistência de Perpera nos traz um vislumbre de que podemos continuar lutando, de que podemos pensar num mundo de respeito, paz, partilha e que onde os pajés possam continuar mantendo a harmonia dos mundos.

[5] O parichara é a dança tradicional dos povos indígenas do estado de Roraima, praticadas em rituais festivos e em suas mobilizações étnicas.
[6] O caxiri é uma bebida feita pelos povos indígenas do estado de Roraima, especialmente Macuxi e Wapichana, feita com beiju, da massa da mandioca, fermentado em água.
[7] Trabalho coletivo, também chamado de adjunta. Trata-se de uma ajuda comunitária entre os indígenas, que se reúnem para realizar um trabalho particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLOGNESI, Luiz. *Ex-Pajé*. São Paulo, Buriti Filmes/Gullane, 2018. Documentário.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 1.dez. 2018.

FAUSTO, Carlos. *Donos demais: maestria e domínio na Amazônia*. Mana, v. 14, n. 2, p. 392-366, 2008.